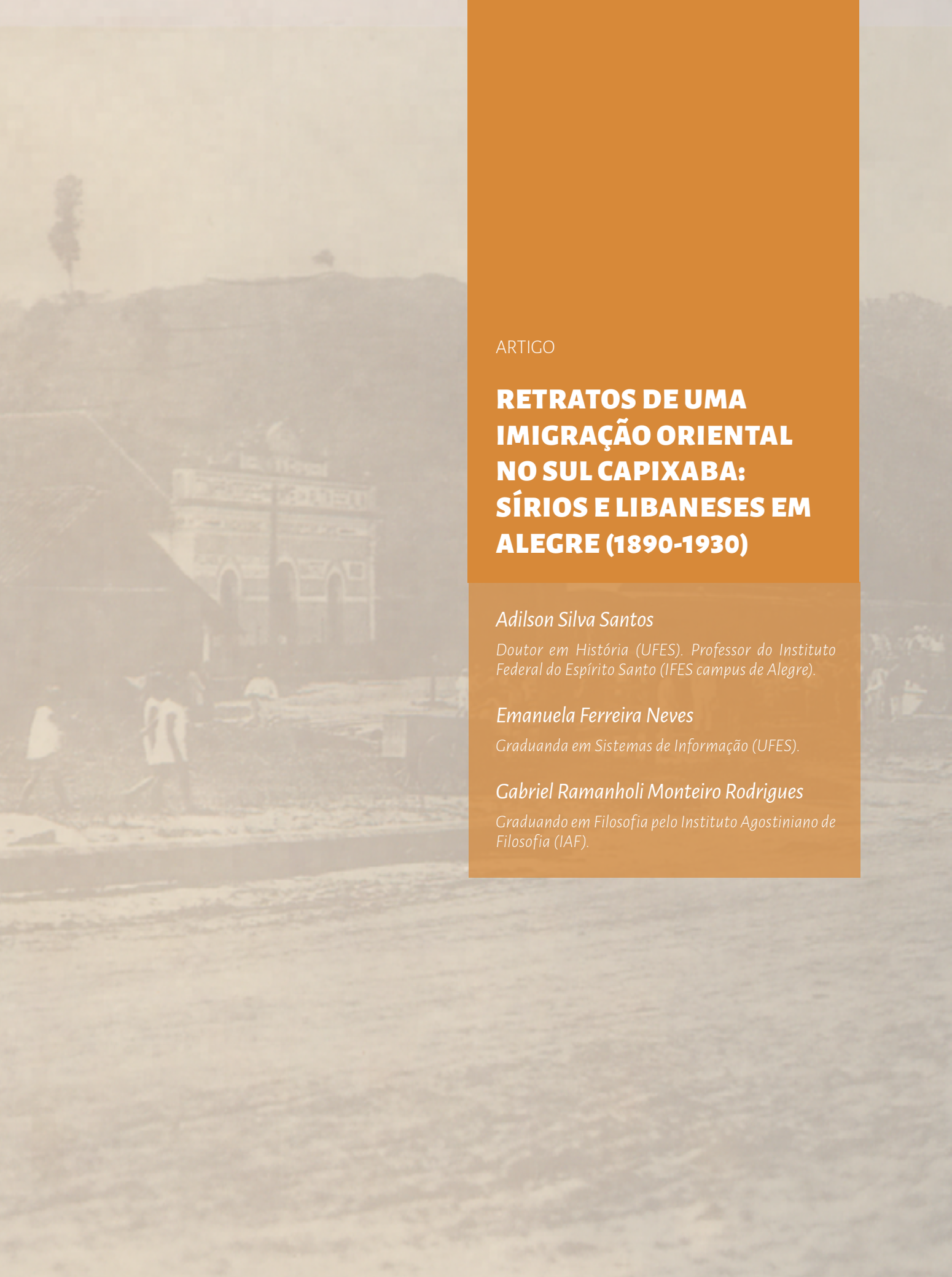




ARTIGO

RETRATOS DE UMA IMIGRAÇÃO ORIENTAL NO SUL CAPIXABA: SÍRIOS E LIBANESES EM ALEGRE (1890-1930)

Adilson Silva Santos

Doutor em História (UFES). Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES campus de Alegre).

Emanuela Ferreira Neves

Graduanda em Sistemas de Informação (UFES).

Gabriel Ramanholi Monteiro Rodrigues

Graduando em Filosofia pelo Instituto Agostiniano de Filosofia (IAF).



Resumo

O artigo objetiva analisar o processo de assentamento dos sírios e libaneses e seus descendentes, entre 1890 e 1930, em Alegre, no sul do Espírito Santo, um dos principais centros econômicos do Estado no período. Dada a franca produção de café, esses imigrantes se fixaram ali e formaram numerosa colônia, com destaque nesta pesquisa para as famílias Aride, Cade e Kede. Metodologicamente, recorreu-se à História Oral e à análise documental de registros de casamento. Entre os resultados, tem-se a reconstrução de memórias que auxiliam na compreensão da trajetória das famílias em questão e da instalação desses imigrantes em Alegre, bem como dados documentais que apontam o casamento interétnico contraído por um terço dos sírios e libaneses, o que reforça a hipótese da exogamia como estratégia de inserção social.

Palavras-chave: Imigração; sírios e libaneses; Alegre; trajetórias; casamento

Abstract

The article aims at analyzing the settlement process of Syrians and Lebanese and their descendants between 1890 and 1930 in Alegre, south of Espírito Santo, one of the main economic centers of the State at the time. Due to its rising coffee production, these immigrants stood there and formed a numerous colony, having the families Aride, Cade and Kede standing out in this research. Methodologically, it was resorted to Oral History and and data analysis of marriage registries. Among the results, there is the reconstruction of memories which aid in the comprehension of the trajectory of the mentioned families, and these immigrants settlement in Alegre, as well as documented data pointing at interethnic marriages by one third of Syrians and Lebanese, which reinforces the exogamy hypothesis as strategy to social insertion.

Key-word: Immigration, syrians and lebanese, Alegre, trajectories, marriage.

Introdução¹

A cidade de Alegre, localizada no sul do Espírito Santo, destacou-se como uma das mais importantes do Espírito Santo do ponto de vista econômico, especialmente durante a Primeira República, por causa do café. A considerável circulação de riquezas na localidade atraiu variados fluxos migratórios, alguns oriundos do Sudeste brasileiro, como mineiros e fluminenses, mas também da Europa e da Ásia. Entre os estrangeiros, sírios e libaneses se destacaram pela característica iminentemente urbana e socioeconômica, com atuação no comércio de secos e molhados, armazéns, lojas de tecidos etc. Em Alegre, sírios e libaneses foram fundamentais para o desenvolvimento econômico, social e cultural. Contudo, a pequena produção historiográfica sobre o tema destoava de tal importância.

Assim, este artigo analisa o processo de assentamento dos sírios e libaneses e seus descendentes em Alegre, no sul do Espírito Santo, entre 1890 e 1930. Para tanto, visa reconstruir a trajetória de três famílias desses imigrantes: Aride, Cade e Kede. Busca-se reconstituir a memória e a identidade desses indivíduos e de seus descendentes, trazendo à lume os retratos dessa imigração, plasmados no imaginário dos descendentes que, embora brasileiros natos, contribuem para a (re)construção do cotidiano dos seus antepassados imigrantes instalados em Alegre. Para isso, optou-se pelo uso da História Oral, que possibilita dar voz aos excluídos, aos não-ditos, às memórias subterrâneas, conforme Pollak (1989). E mais, procedeu-se à análise documental dos registros de casamento, realizados no período em tela, já que essas fontes permitem verificar as redes de solidariedade e sociabilidade construídas, os aspectos identitários e as estratégias matrimoniais para inserção social.

Sobre a localidade de Alegre

Alegre despontou economicamente no período da Primeira República (1889-1930). No entanto, a formação histórica da cidade liga-se à ocupação da região do vale do rio Itapemirim, inicialmente por mineiros vindos de Mariana e Ouro Preto, motivada pela decadência da mineração, pela fuga de conflitos políticos (PEREIRA, 2012) e pelo interesse nas terras férteis e devolutas do Espírito Santo para o cultivo do café. Sendo assim, a gênese da localidade faz parte do processo de colonização do sul capixaba, cujo fluxo migratório se inicia com, aproximadamente, 72 pessoas, lideradas pelo sargento-mor Manuel José Esteves de Lima, proveniente de Mariana, Minas Gerais (MARINS, 1920). Depois de passar um tempo em terras capixabas, o sargento-mor regressou para Minas Gerais e doou propriedades para membros de sua comitiva, para iniciarem a instalação de fazendas e povoarem a região (MARINS, 1920). Um destes beneficiados foi João Teixeira da Conceição².

Nas terras que recebeu do sargento-mor Esteves de Lima, às margens da estrada para Minas e do ribeirão Alegre, João Teixeira da Conceição [...] logo começou a [...] instalação de sua fazenda. derrubou matas, implantou cafezais e pastagens, iniciando, assim, a colonização (BRAVO, 1998, p. 15).

O nome da cidade de Alegre é uma referência ao ribeirão Alegre que corta a localidade, nomeado pelos primeiros colonizadores (BRAVO, 1998; FERRAZ, 1986). Se o deslocamento de mineiros foi fundamental para a ocupação e o desenvolvimento da região, a mesma importância tem os fluminenses, dada a “expansão das lavouras de café do norte do Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2012, p. 18). Ao longo dos séculos XIX e XX, o desenvolvimento econômico de Alegre esteve ligado ao cultivo

¹ Este trabalho resulta de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC-JR) desenvolvido no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), campus de Alegre, entre 2020 e 2021, com apoio financeiro do CNPq, intitulado “Retratos de uma imigração oriental no sul capixaba: o caso dos sírios e libaneses em Alegre (1889-1930)”.

² De acordo com Ferraz (1986), João Teixeira da Conceição era natural da Freguesia do Sumidouro, município de Mariana, Minas Gerais. Casou-se com Maria Clara da Silva, em 1845, mas o consórcio não gerou filhos. João Teixeira da Conceição e a indígena chamada Severina Indígena do Brasil tiveram um filho, de nome Pedro Celestino Teixeira da Conceição, que herdou os bens do pai.

do café, que oportunizou a transformação da localidade numa das mais pujantes do Estado.

A marcha do café é que propiciou, efetivamente, a ocupação das terras capixabas. Naquele momento, meados do século XIX, esgotaram-se as condições de plantio de café [no] Rio de Janeiro e [...] Minas Gerais. [...] a cafeicultura, no Espírito Santo, alcançou a terceira posição no quadro das regiões brasileira produtoras de café (CAMPOS, 1987, p. 68).

Portanto, a disponibilidade de terras³ e a circulação de riquezas oriundas da produção cafeeira atraíram fluxos migratórios (CAMPOS, 1987), inicialmente mineiros e fluminenses (SALETTI, 1996; ALMADA, 1993). Em 1836, diversas famílias – Ferreira de Paiva, Domingos Vieira, Aguiar Valim, e Nogueira da Gama (BRAVO, 1998) – começaram a se assentar na região, em fazendas que

[...] se convertiam em ponto e origem para a formação de povoados, que em alguns trechos, com a chegada da ferrovia, teve consolidada a ocupação. [...] Eram comuns os deslocamentos a pé, em carros de bois, lombos de burros e liteiras conduzidas por escravos. Esse movimento nas estradas exigia pousos, abrigos, postos de abastecimento de negócios e alimentos, que podem ser interpretados como locais pioneiros de inúmeras fazendas e povoados (PEREIRA, 2012, p. 30-31).

O crescimento demográfico e econômico contribuiu para que Alegre conquistasse autonomia. A Lei n. 22, de 24 de julho de 1858, elevou Alegre de categoria: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Alegre, nome alterado, em 1869, para Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Alegre⁴. Depois, em 03 de abril

de 1884, a Lei Provincial n. 18 eleva Alegre à categoria de vila, o que só se concretizou em 06 de janeiro de 1891, pelo Ato n. 564, que garantiu sua autonomia política (BRAVO, 1998). A elevação à categoria de cidade só se deu em 1919.⁵

Durante o século XIX, vários distritos se formaram – Veado, Valla do Souza, Parada Cristal, Wanderley (Santa Angélica), Rio Preto, Pombal (Rive) etc. Do mesmo modo, além de indígenas e de africanos, levadas migratórias chegaram especialmente durante a vigência da República – cearenses fugindo da seca, no final de 1889; espanhóis, em julho de 1893⁶, vindos de Granada, região da Andaluzia (BRAVO, 1998); imigrantes da República de San Marino, em 1895⁷, classificados como italianos; além dos sírios e libaneses que se assentaram e se tornaram grandes comerciantes. Na imagem 1, o exemplo de Miguel Simão⁸, que construiu, entre 1925 e 1928, um importante símbolo do poder socioeconômico desses imigrantes em Alegre: o Solar Miguel Simão⁹, imóvel tombado pelo patrimônio histórico desde 1998.

Estimulada pela alta produção cafeeira, Alegre reunia grandes firmas exportadoras¹⁰. A partir de 1887, com a instalação da Estrada de Ferro Caravelas, a cidade contava com transporte ferroviário até o distrito de Pombal (Rive) e, em 1912, o trem chegava à sede

3 Estas terras eram habitadas por indígenas que enfrentaram o colonizador, mas foram, ao longo do tempo, exterminados ou se acomodaram, misturando-se aos demais grupos étnicos.

4 De acordo com Bravo (1998), pela Resolução n. 7, a Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo confirmou um ato do Bispo do Rio de Janeiro, que mudava o nome da freguesia.

5 De acordo com Bravo (1998, p. 56), “Em visita à nossa vila, em 21 de novembro de 1919, o presidente do Estado, Dr. Bernardino de Souza Monteiro, prometeu a elevação da vila à categoria de cidade. O presidente, político e administrador habilidoso, reconhecendo como justa a pretensão do povo alegreense, já em 22 de dezembro, do mesmo ano, elevava à categoria de cidade a vila do Alegre”.

6 Para Bravo (1998), eram 103 imigrantes.

7 “Chegaram ao Alegre, no dia 11 de dezembro de 1895, 35 famílias de agricultores provenientes da República de São Marino, com 192 pessoas, sendo mais de 50 menores. Esses imigrantes vieram no vapor ‘Las Palmas’, da Companhia La Veloce” (BRAVO, 1998, p. 42).

8 Bravo (1998) afirmou que o ano de chegada é 1885.

9 O prédio foi tombado como patrimônio histórico do município de Alegre pelo Decreto n.º. 3695/98.

10 Grandes firmas comerciais eram proprietárias de tropas, entre as quais Miguel Simão & Filhos e Jamil Cade & Primo, cujos proprietários eram sírios e libaneses.



Imagem 1: Construção do Solar Miguel Simão (1926)
Fonte: acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alegre (IHGA)

da vila, bem como a Espera Feliz, em território mineiro (BRAVO, 1998). Assim, Alegre atraía para o Espírito Santo parte da produção cafeeira de Minas Gerais, o que, aliado à sua produção e à visibilidade para outras regiões sul capixabas, promovia importante circulação de riquezas. Tal riqueza era investida em símbolos do “progresso e da modernidade” da época, como a luz elétrica inaugurada em 1920 (BRAVO, 1998). Além do transporte ferroviário, as tropas também foram fundamentais para o escoamento da produção cafeeira, já que elas alcançavam regiões produtoras de difícil acesso. Conforme Moraes (1989), Alegre tornou-se um importante centro econômico de convergência de tropeiros no sul do Estado.

A família Aride

A responsável por narrar o itinerário da família Aride foi Zahir Aride Rodrigues da Silva¹¹, guardiã da memória da família. O primeiro a emigrar para o Brasil foi o seu pai, Yussef Ramade Al Aride, em 1926. Natural da cidade de Baissour, no Líbano, Yussef nasceu no dia 17 de outubro de 1911, filho de Hamad Aride e Zahir Rachid, conforme Imagem 2. Yussef veio sozinho, com 15 anos de idade, apenas. Como era de praxe entre compatriotas, chegando ao Brasil, Yussef precisou aporuguesar seu nome, passando a se chamar José Amado Aride (SILVA, 2021).

11 Zahir Aride Rodrigues da Silva (doravante SILVA, 2021), em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, Emanuela Ferreira Neves e Gabriel Ramanholi Monteiro Rodrigues, no dia 09/06/2021.



Imagem 2: carteira de Identidade de estrangeiro de José Amado Aride
Fonte: acervo de Zahir Aride Rodrigues Silva.

Os pais de José Amado Aride eram fruticultores na cidade de Baissour, onde produziam e comercializam frutas, e o filho ajudava os pais nessa atividade laboral. De acordo com Zahir, o motivo para a vinda de seu pai para o Brasil foi econômico. Provavelmente, Yussef viajou clandestinamente, já que não tinha dinheiro para pagar a passagem. Sua vinda ao Brasil tinha o intuito de conseguir o ouro de que ouvira falar e, em seguida, retornar ao Líbano, conforme narrou sua filha:

[...] ele estudava em um colégio francês e o pai dele vivia do pomar que eles tinham, pegava aquelas cestas pesadas de fruta e saía para vender e ele achava que era um absurdo ele, um rapaz forte, sendo sustentado pelo pai, que trabalhava num trabalho tão pesado... E aí correu a notícia que aqui no Brasil tinha muito ouro, a ideia dele era vir, conseguir esse ouro e voltar com certeza para lá. Que aqui você andava e

tropeçava em pepita de ouro, era o que... ideia dele. Tanto que com ele veio uma turma de quinze anos, dezesseis, todo mundo atrás desse ouro... Entendeu? [...] Então, o motivo dele não foi religioso, [foi] só econômico (SILVA, 2021).

Campos (1987) já havia observado que os libaneses que se assentaram em Alegre possuíam parentes ou conterrâneos naquela região, o que também se verificou em relação a José Amado Aride. Ele veio sozinho e, primeiramente, assentou-se em Minas Gerais, na região do Caparaó mineiro. Segundo Zahir,

Eles faziam [...] esse roteiro ali: Caparaó, aí Minas, Manhuaçu, [...] Carangola, Espera Feliz e dali ele chegou, aqui, no Espírito Santo. Espera feliz fica bem ali na divisa. Ele chegou nessa região ali, de Ararai, de Liberdade... Tem uma família, dizia que era padrinho dele, Manuel Felipe. [...] Mas eles viam por ali procurando o Caparaó, que era a região do ouro e por ali [...] estabeleciam pequenos comércios, até chegar em Alegre (SILVA, 2021).

Seguindo o itinerário profissional de muitos sírios e libaneses recém-chegados ao Brasil, José Amado Aride mascateou pelo interior até que, tempos depois, conseguiu abrir seu armazém de secos e molhados, numa localidade chamada, na época, Ararai, conforme a Imagem 3 e os relatos de Zahir:

Segundo Zahir Aride, seu pai “era comerciante mesmo, ele tinha [...] uma loja, em Ararai, de secos

e molhados, é... machado, enxada, tudo que na roça vende... Chamava Casa Semita, na região do Caparaó, que era Liberdade. Ararai de hoje” (SILVA, 2021).

Embora solteiro, José Amado não seguiu o mesmo caminho de muitos conterrâneos, de ir ao Líbano para se casar e, depois, retornar ao Brasil. Também não optou pela endogamia, mas por casar-se fora do grupo étnico. Contraiu núpcias com Abigail Louzada Aride, descendente de espanhóis, com quem teve oito filhos: Raffik, Assma, Zahir, Samir, Nadim, Maruf, Chakib e Fátima. Sobre o nome da irmã caçula, que difere da tradição síria e libanesa, Zahir explicou: “foi quando apareceu a Nossa Senhora de Fátima. Apareceram umas irmãs vendendo um livro, minha mãe estava grávida, meu pai comprou um livro e deu o nome a ela de Fátima” (SILVA, 2021). José Amado Aride era druso, isto é, membro de um ramo da religião islâmica, e sua esposa era evangélica, o que não o impediu de dar o nome de uma santa católica a uma das filhas. Aliás, José Amado Aride não mudou de religião durante a vida toda.

Ele era druso, mas é do ramo do Islamismo. Meu avô era chefe dessa religião, entendeu? Era um dos chefes dessa religião e ele tinha as práticas dele, ele tinha o Alcorão... Aí, uma vez por semana, se eu não me engano era sexta-feira ou quarta-feira, ele se fechava num cômodo da casa, ele tinha que fazer as orações dele [...]. Ajoelhado [para o] lado de Meca, aquela formalidade toda de grande parte das religiões orientais. Não mudou [de religião]. A minha mãe era cristã é... evangélica, praticante, missionária, e ele

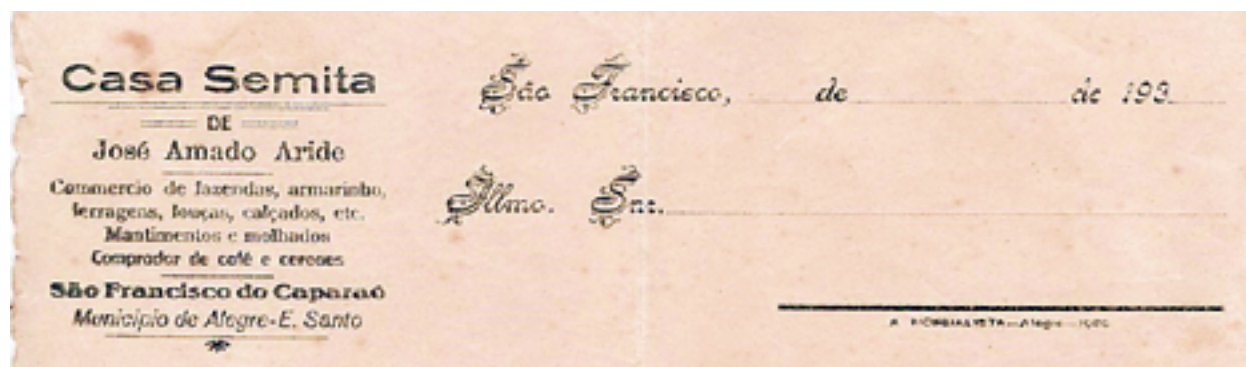


Imagem 3: Papel timbrado da Casa Semita. Fonte: acervo de Zahir Aride Rodrigues Silva.

não se importava. [...] ele acreditava em Jesus Cristo como um profeta, como foi Maomé, pois só tinha um Deus. Eles eram monoteístas. Na religião dele tinha que ter uma só mulher, porque tem umas que podia ter quantas quiser, quantas pudesse ter, pudesse sustentar, eles teriam, mas ele era de uma só esposa e só Deus. Maomé é seu Profeta (SILVA, 2021).

Embora a ideia inicial de José Amado Aride fosse vir ao Brasil encontrar ouro e retornar ao Líbano, este desejo foi sendo abandonado. Zahir narrou que seu pai não quis ir voltar ao Líbano, nem a passeio, apesar de parentes de lá e de cá insistirem para que ele pudesse rever sua terra de origem, seus parentes, amigos e conterrâneos. Pagariam sua passagem, mas ele sempre se recusou. Depois de muito insistirem, ele explicou o motivo da recusa, conforme palavras da filha: “Eu não vou, porque ela [a esposa] não será bem recebida por ser cristã, e se ela não for bem recebida, eu não vou ser também” (SILVA, 2021). De fato, o casamento entre drusos e cristãos não seria aceito, o que fez José Amado Aride desistir do retorno. Ainda de acordo com Zahir, no Brasil, José Amado não sofreu preconceito por ser druso, e sua religião não afetou seu casamento: “[...] mas eles se davam muito bem, não tinha briga, não tinha nada e não tinha, hoje, essa disputa entre religiões como tem, entendeu. Um respeitava o outro. Nunca sofreu nenhum tipo de preconceito” (SILVA, 2021).

Sobre a existência de conflito entre seu pai e outros comerciantes sírios e libaneses, Zahir relatou que cada comerciante sírio e libanês investiu em um ramo específico do comércio e, portanto, não faziam concorrência entre si. Já em relação a conflitos com comerciantes de outras etnias, como portugueses, italianos, brasileiros etc., Zahir afirmou:

Olha bem, da época, que eu me lembre, por exemplo, tinha o pai do doutor Vitor, ele era comerciante que vendia tecidos. Só tecidos. Meu tio Issa, que era sírio e que veio junto com ele, casou com a minha tia, irmã da minha mãe, ele trabalhava com [...] joias, com ouro [...]. [...] O Salim Chalhub, que era ali do Nagib, na rua Quinze, [...] trabalhava com gêneros alimentí-

cios. Tinha um outro Salim, que trabalhava com [...] confecção, entendeu. Então, [...] cada um tinha o seu estilo, né, gostava de uma coisa, diferente, ou que se combinava. Eles não eram [...] concorrentes entre si [...] Viviam como uma família, entendeu? (SILVA, 2021).

Conforme Zahir, havia uma rede de contatos que interligava os sírios e libaneses assentados em Alegre com outros residentes em diversas localidades capixabas do sul do Estado, especialmente Guaçuí, Cachoeiro, mas também em Vitória. Zahir afirmou que as inúmeras famílias desses imigrantes, que compuseram a colônia síria e libanesa de Alegre, se reuniam para conversar em árabe. Havia uma divisão bem definida dos lugares da casa reservados aos homens e às mulheres, ficando as mulheres na sala. Havia, portanto, assuntos masculinos e femininos.

Aqui tem muitas famílias, ó, tem a família Amim, a família Tannure; esses Tannure aí são uma família grande também [...]; Adib, Adib Calil Salim, família Calil Salim, muitas famílias, Auad; na rua do Norte tem a família do seu José Auad [...]; Latuff [...]. Tinha outra família de Mohamed Abh Mohamed. Seu Mohamed era comprador de café lá na rua do Norte, entendeu. Muitos, muitos libaneses, como eu te falei, são 70 e poucas famílias de libaneses, que vieram para cá. [...] Mas eles se reuniam, é uma curiosidade, para conversar em árabe, acho que para não esquecer a língua, aí juntava sírio, porque a língua é bem parecida. Sírio, os libaneses, eles se reuniam para conversar. As famílias também [se] visitavam, as mulheres ficavam na sala [...]. Eles tinham o costume social de se reunir [...] (SILVA, 2021).

José Amado não se naturalizou porque não queria negar sua pátria, mas se considerava mais brasileiro do que muitos brasileiros (SILVA, 2021). Sobre o ensino da língua árabe, Zahir garantiu que, embora ela e seus irmãos tenham se interessado e aprendido algumas palavras, não havia tempo para ensinar aos filhos o idioma.

Olha bem, no caso do meu pai, a gente se interessou, ele ensinou cada qual a escrever seu nome. [...] mas ele ensinava a gente, por exemplo, tinha uma frase quando fazia quibe, por exemplo quando fritava o quibe, ia fritando e a gente ia comendo. Isso aí, lá na terra dele [...] falava: [...] (“a mãe vai fritando e os filhos vão comendo”), entendeu? Aí ensinou a falar avião e [...] algumas palavras soltas. E, assim, não é por falta de interesse, mas assim, eles sempre estavam ocupados; nós todos estudando, o curso normal, assim, o primário, que era o [...] ginásio, o ensino normal, técnico científico, e todo mundo estudou. Então, a gente não tinha muito tempo e ele, quando era a época da gente aprender, era a época que ele viajava para o norte, e para muitos lugares, e não tinha tempo de ensinar (SILVA, 2021).

Se a língua árabe não foi ensinada aos filhos, isso não se aplicou à culinária árabe, pois foi transmitida às gerações seguintes pelo próprio José Amado Aride. Aos meninos e às meninas, embora nem todos tenham aprendido.

Ensinaaram, ensinaaram, meu pai... Os outros eu não sei, porque meu pai era muito família. Então, ele ensinou, por exemplo, o quibe. Ele falou que lá, o quibe é feito com carne de carneiro, na época dele. Não tinha boi, era carneiro, e não era moído, era socado. Socava a carne com a canjica, entendeu, para poder fazer o quibe. Ensinou a fazer quibe assado, quibe cru, quibe frito, a coalhada, [...] que é turca, [...] o iogurte, a coalhada, não é, mas o libanês adotou como costume [...], zatar, temperinhos assim que não são libaneses, mas são usados por libaneses. E... charuto, o babaganoush, tahine, homus, a lentilha, que é a mijadra; o arroz de lentilha, o arroz marroquino... A mamãe aprendeu e a gente na idade, não podia ter empregada, a gente aprendia e aprendeu, tanto a comida salgada, quanto a doce. Algum doce árabe a gente faz, também. Eu só tenho um irmão que aprendeu, que é o Samir, que até hoje ele que faz na casa dele, que a esposa dele é descendente de italiano; então, só ele que faz. [...] aqui em casa, se chegar, tem no freezer uma massa

de quibe, e quando acaba a gente faz outra vez; tem um charuto, uma abobrinha recheada, uma berinjela assada. A gente come a nossa comida também, mas come muito a deles também. Deu vontade, faz. Eu não fico sem, entendeu? Deu vontade de comer é... babaganoush, que é berinjela defumada, a gente faz, é... faz a coalhada todo dia. Nossa manteiga de manhã é a coalhada; coalhada, azeite, zatar, que é uma mistura de temperos; orégano, sumacre, que a gente usa comer coalhada com azeite também, muito azeite e... Mas não tem uma época específica, que a gente come, não. É sempre que dá vontade, a gente faz. Se você faz um charuto, você não precisa fazer outra coisa, porque ele é completo: tem arroz, tem carne, tem temperos, entendeu, tem tudo. É um repolho, é um tomate, cebolas. A lentilha, quando você faz, faz só uma coalhada, tem que escorrer o soro para poder comer com ela. É muito forte a comida, muito... muito rica a comida [...]. Tem o pastel, fala que é pastel árabe, mas é pastel sírio, que é adotado pela gente; a esfiha... a gente faz, volta e meia a gente faz, e congela, porque não dá para fazer na hora. Mas a gente continua usando cotidianamente (SILVA, 2021).

Vale ressaltar duas questões que são parte da trajetória desses imigrantes no Brasil e no Espírito Santo. A primeira é a entrada dos descendentes nas profissões liberais. Zahir afiançou que, em sua família, alguns da segunda geração foram profissionais liberais; uns exercem a profissão, outros, não. A segunda questão trata da entrada desses imigrantes na política partidária, nem sempre com continuidade.

É, por exemplo, vários, vários estudaram direito, dois engenheiros químicos, é... eu não tenho meu curso superior, de contabilidade, eu sou contabilista, técnico em contabilidade. Meu curso superior é sociologia, eu sou socióloga, quando não existia profissão regulamentada. Um médico, dois engenheiros químicos, uma administradora, um que foi farmacêutico, foi... delegado de polícia de carreira, advogado, farmacêutico. [...] Shakib, que é meu irmão caçula, ele sempre gostou de política, e ele apoiou um candidato, que nunca tinha sido can-

didato a nada, Djalma Monteiro da Silva, que foi eleito prefeito nos anos 80, e ele foi o vereador mais votado. Foi presidente da Câmara por dois anos, mas ele viu que não era a dele, não servia para ele [...]. O meu irmão sempre foi PDS, PSD. Ele mesmo se sentiu traído e viu que não era bem para ele, e foi só essa vez candidato. Foi bom, exerceu bem a vereança, que foi confiada a ele, mas não quis mais, não (SILVA, 2021).

Ao tratar das tradições, Zahir afirmou que a principal herança deixada por seu pai foi a preocupação com a boa formação e o bom caráter. Nas palavras de Zahir:

[...] eu só lembro assim, muito forte, a tradição que ele deixou para gente é um exemplo muito grande de caráter, de formação. Quando a gente era pequeno, nós éramos tão pequenos, que ele reunia todo mundo numa cama de casal de noite, para ler. Hoje, a gente nem encontra mais livros, livros de fundo moral, cunho moral, falando sobre a mentira; um livro chamado 'Pérolas Esparsas'. A reza da noite era isso, eram lições, que falavam sobre a pessoa que mentiu; outra lição que fala: 'lance teu pão sobre as águas, que daqui um tempo você vai recolher'. Então, formação moral, entendeu? (SILVA, 2021).

A família Cade

Outra família que compôs a colônia síria e libanesa em Alegre foi a família Cade. A responsável por narrar o processo de assentamento foi Jamile Cade¹², que, desde os primeiros contatos, propôs-se a contribuir para a reconstrução da história e memória dos seus familiares. Seu pai, Salomão David Cade, era natural de Elchuaifat, no Líbano. Nasceu no dia 10 de janeiro de 1908, filho de Daoud Cade¹³ e Jamile Jerdy, como se vê na Imagem 4, que é o Registro de Identidade de Estrangeiro.

¹² Jamile Cade (doravante CADE, 2021), em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, em Alegre, no dia 09/06/2021.

¹³ Foi aporuguesado para Davi.



Imagem 4: carteira de Identidade de estrangeiro de Salomão David Cade
Fonte: acervo Jamile Cade

Órfão de mãe ainda pequeno, Salomão Cade foi criado por uma tia chamada Nacibe. Vivenciou grandes dificuldades socioeconômicas durante boa parte da infância e, de acordo com Jamile, “teve que sair fugido, com 8 aninhos, para o sertão, porque não tinha comida no Líbano” e ele passava fome (CADE, 2021). A eclosão da Primeira Grande Guerra agravou, ainda mais, a situação da família. Seu pai, chamado Daoud, e um irmão, de nome Mansur, haviam emigrado e se estabelecido em Ibitirama, sul espírito-santense. Por volta de 1920, sua tia Nacibe, que o havia criado, também emigrou para o Brasil, para se juntar ao esposo, o tio Mansur, muitos anos depois. No entanto, o pai de Salomão Cade não enviou dinheiro para que ele viesse ao Brasil com sua tia, tendo ele de permanecer ainda no Líbano. Não obstante isso,

os seus parentes que estavam no município de Alegre tinham conseguido muitos bens. Então, [...] eles mandavam notícias, que estavam muito bem, então [ele] teve uma vontade muito grande de vir..., largar o Líbano e vir aqui, por causa da família, que se deu muito bem aqui (CADE, 2021).

Portanto, dois fatores contribuíram para que Salomão David Cade resolvesse emigrar para o Brasil: “a saudade dos seus familiares, que tinham vindo para o Brasil” (CADE, 2021), e as notícias do sucesso que sua

família havia alcançado ao se estabelecer no Espírito Santo. Assim, entre os anos de 1928 e 1929, Salomão Cade resolveu emigrar para o Brasil. Possivelmente, chegou pelo porto de Itapemirim, passou por Cachoeiro, onde tinha um patrício chamado Féles, para daí seguir para Ibitirama, local em que sua família estava assentada (CADE, 2021).

Salomão Cade veio junto com um primo, Nagib Said Cade, e, de acordo com Jamile, esse primo “não aguentou ficar no Brasil. Voltou para o Líbano” (CADE, 2021). Jamile Cade afiançou que foi seu pai quem financiou a própria viagem. Em Ibitirama, trabalhou para os familiares: “Ele foi ser empregado do primo, tratar de porco... é ... teve uma vida muito difícil! Ele trabalhou um ano para esse primo dele para ganhar uma muda de roupa, no final do ano. Sofreu muito” (CADE, 2021). Mais tarde, ofereceram-lhe a sociedade na firma, o que representou uma importante mudança econômica, já que a partir daí poderia amealhar algum capital (CADE, 2021).

Já estabelecido na região, tornando-se comerciante bem-sucedido, Salomão Cade resolveu sair de Ibitirama e se assentar em Alegre, por volta de 1933. Um dos fatores que contribuíram para essa mudança foi um incêndio em sua casa.

Em Ibitirama, eles estavam numa situação confortável e financeiramente bem, dominando o comércio local de madeira, café, milho e feijão. Devido ao progresso que eles alcançaram no comércio local, despertou a inveja até perseguição com emboscada, a ponto de colocar fogo no paiol de milho, onde tinha construído uma casa para ele se casar. O principal fator que contribuiu para a saída de lá foi a ambição de expandir seu comércio em geral para um centro maior, como Alegre, onde eles já tinham muitos clientes. Outro fator não principal foi o incêndio no paiol. Devido a perseguição e emboscadas, em virtude dos seus progressos, ficaram preocupados com suas vidas. Porém, em todo momento enfrentaram com coragem, não tinham medo. A colônia libanesa tornou-se grande em Ibitirama (CADE, 2021).

Conforme a narrativa de Jamile Cade, sírios e libaneses assentados em Ibitirama, por serem bem-sucedidos economicamente, foram alvo de perseguições, emboscadas e até incêndio criminoso. Acrescenta-se o preconceito e o estigma embutidos na expressão “turcos”, o que lhes era muito caro, já que os comparavam ao opressor, usurpador. Ao que parece, mudar para Alegre foi uma alternativa de se livrar da perseguição, da intimidação e de tentativas de assassinato. O incêndio pode ter sido o aviso de algo mais grave. Por isso, optaram por se assentar em outro lugar que lhes oferecesse mais segurança para trabalhar, assim como às suas famílias.

Salomão Cade veio solteiro para o Brasil e, em 24 de fevereiro de 1938, casou-se com Laurita Louzada Cade, com quem teve sete filhos: Davi, Leila, Toufik, Fued, Nacib, Latife e Jamile. Laurita era descendente de espanhóis. Segundo Jamile, sua mãe “era simples e ele [era] mais amigo do pai dela [...]. O pai [dela] era delegado e ele ajudou a família da minha mãe, toda, você sabe? Ele foi muito bom!” (CADE, 2021). Quanto à religião, Salomão Cade era druso, mas mudou de religião:

[...] depois ele se converte [...]. Com noventa e tantos anos [...]. [...] minha mãe era da família evangélica, desde que nasceu e foi membra da Igreja Metodista [...]. Para casar com ele, deixou de seguir a religião dela... esses anos todos. Quando ele ficou mais velho, quis seguir o metodismo... minha irmã, que é católica e muito consagrada, começou a fazer a conversão dele através da Bíblia, onde lia para ele. Ai, a minha mãe foi... chamou o pastor, que ele gostava muito, e batizou-se (CADE, 2021).

Em Alegre, Salomão Cade e o Jamil Cade abriram a firma Jamil Cade & Primo Ltda., conforme Imagem 5. Segundo Jamile, a empresa era um dos maiores estabelecimentos comerciais em Alegre de secos e molhados e, posteriormente, de compra e a exportação de café, especialmente para o Rio de Janeiro (CADE, 2021).

Na Imagem 5, abaixo da razão social, consta que a firma era “compradora e exportadora de café”. Na



Imagem 5: Armazém Jamil Cade & Primo Ltda. Fonte: acervo Jamile Cade.

frente do imóvel, vê-se oito homens carregando sacas de café, os quais parecem posar para a foto. Segundo Jamile Cade, a firma Jamil Cade & Primo Ltda. tinha uma filial em Guaçuí (CADE, 2021):

[...] comércio em geral e depois ele cruza a linha de comprador e de exportador de café [...]. Eu tinha 7 anos, em 1946, mais ou menos, e papai já era comprador de café [...]. Ai... devia ser o ano de 45, 46 [...], não com certeza, eu era pequena e via caminhões e tropas carregadas de café chegando de madrugada. A firma Jamil Cade & Primo Ltda. dominou o comércio de café em Alegre. Você sabe onde é o BC? O supermercado BC? Tudo, ali, era armazém de café. No centro, onde moro, embaixo também era armazém de café, como na esquina em frente ao Pico da Bandeira e a esquina da rua 15 de Novembro. Esses imóveis pertenciam à firma.

Além do comércio de secos e molhados e da compra e exportação de café, Salomão Cade também investiu em propriedades agrícolas e em imóveis. Conforme Cade (2021), seu pai comprou imóveis em diversas localidades do Espírito Santo: Cachoeiro, litoral sul e Vitória. Comprar imóveis era um procedimento bastante comum entre os imigrantes sírios e libaneses, porque tratava-se de um investimento do capital amealhado, não obstante ser uma forma de demonstração de poder e riqueza, tanto dentro quanto fora da colônia. Ainda segundo Jamile, seus pais e familiares mantinham contato com diversos patrícios em várias localidades capixabas, entre as quais Mimoso, Muqui, Guaçuí e Cachoeiro (CADE, 2021).

Embora não houvessem criado uma associação específica de sírios e libaneses, havia um clube, já mencionado no relato de Zahir Aride, onde esses imigrantes e descendentes se encontravam e do qual eram sócios: Clube Rio Branco. Para Jamile Cade, “geralmente, quase todos os libaneses, aqui, eram Rio Branco. Mas papai ajudou na construção [...], ajudou muito, era presidente do clube” (CADE, 2021). Manter essa rede construída, tanto em outras cidades como localmente, era muito importante para esses imigrantes, porque permitiu o fortalecimento de laços de solidariedade e entreaajuda. Do mesmo modo, contribuiu para manter algumas tradições, como a língua árabe, falada entre conterrâneos, assim como interesses em torno do casamento dos filhos. E sobre a língua árabe, Jamile afiançou que seu pai, embora a soubesse falar, não lia nem escrevia em árabe. Não ensinou a língua aos filhos e, pelo que Jamile mencionou, nenhum filho teve interesse em aprender. A principal razão alegada por Jamile foi a falta de tempo:

Embora sua mãe tivesse instrução, falava vários idiomas, não teve oportunidade de ensinar ao filho, pois faleceu quando ele tinha, mais ou menos, 4 anos, e logo depois, com 8 anos, veio a guerra que afetou a economia do Líbano por 3 ou 4 anos, faltou alimento para comprar, e passou fome e por grandes dificuldades, tendo que fugir para o sertão com sua tia e primos. Mas, então, ele não ensinou porque minha mãe era de família brasileira, ele, dentro de casa, não tinha [com] quem falar, entendeu? Não tinha tempo porque era um homem super ocupado. Como de fato... a doação dele de dar assistência à família era domingo, sabe. De noite tomava conta e tudo, mas durante o dia ele, meu pai, não. Na verdade, não tinha tempo para ficar dentro de casa ensinando filho, não. Ele nos colocou no colégio das irmãs aqui, e era semi-interno, ficava o dia inteiro para as irmãs ensinarem a gente, [...] porque a mamãe não tinha uma instrução para acompanhar o estudo da gente. Então, eram as irmãs que nos... que tomavam conta da gente, ele pagava o dia inteiro. Então, não tinha... eu também nunca tive interesse (CADE, 2021).

Já a culinária étnica foi ensinada às filhas, como narra Jamile (CADE, 2021):

Papai ensinou à mamãe. Mamãe cozinhava divinamente a comida árabe. Nenhuma libanesa cozinhou tão bem como ela, e ela me ensinou. Muito cedo, a gente ia para a cozinha para ela [ensinar], menina nova ajudava a aferventar um repolho, uma folha de uva, passar o triguilho com a carne na máquina. Era tudo máquina manual. Ela sempre nos ensinou. [Papai] cozinhava, inclusive ele fazia uma salada tipo grega [...]. É... ele fazia muito bem, como cortar o pepino diferente, o tomate diferente para não dar água na salada e ficar sequinha. Ele ensinava, papai ensinava, ele fazia muita coisa bonita, boa. Esses pratos que fazia, uns pratos que eu fazia também, não sei se você lembra. [...] quibe, com triguilho, a kafta, o pão, pastel árabe fechado. Homus, H O M U S. Esfiha, mijadra, M-I-J-A-D-R-A babagounoush, você sabe como é que escreve? Mas esse negócio, aqui, a gente faz na hora que quer, não tem dia da semana, deu vontade... Nossa, a gente faz demais, grão de bico com berinjela, berinjela com gergelim, tudo isso faz, entendeu? [...] Deu vontade...

Sobre a entrada nas profissões liberais, Jamile (2021) narrou que um dos filhos de Salomão Cade cursou Economia e foi funcionário do Banco Central, enquanto outro, embora tenha se formado em Direito, nunca exerceu a profissão, mas trabalhou com propriedades rurais; das filhas, apesar de se formarem em Magistério ou Pedagogia, duas delas não exerceram a profissão e somente uma lecionou por um tempo. Jamile contou que o seu pai deu a todos os filhos a possibilidade de prosseguir nos estudos. Quanto à terceira geração, há médicos, advogados, dentistas. Jamile Cade relembra o carinho e a preocupação do pai com os filhos “devido à situação que ele enfrentou quando pequenininho, sem mãe [...]”. Ele achava que poderia falecer e a situação [dos filhos], como ficaria? Aí, aquela preocupação” (CADE, 2021).

Como um dos elementos da trajetória dos sírios e libaneses é a entrada de indivíduos na política partidária, Jamile relatou que um de seus irmãos foi vereador, em Alegre, mas somente em uma legislatura. Também assegurou que havia uma pressão familiar para que os casamentos ocorressem dentro da colônia. Os argumentos contra o casamento com brasileiros era de que havia bons homens entre os descendentes (CADE, 2021). Jamile Cade se casou com um brasileiro e, assim como ela, ninguém de sua família contraiu núpcias com imigrantes orientais. Por fim, Cade (2021) relatou que as tradições deixadas por seu pai foram: tomar benção, beijar os filhos, respeitar os parentes e os mais velhos, ter muito amor à família. Sobre costumes religiosos, de acordo com Jamile, a “[...] mãe do tio Jamil, ela rezava todo pessoal aqui em Alegre, desde pé destrocado, mau olhado, dores e espinhela, como também fazia remédio para curar feridas” (CADE, 2021).

A família Kede

Segundo Syria Kede¹⁴, quem primeiro emigrou para o Brasil foi o seu avô paterno, mas ele ficou aqui alguns anos e retornou por causa da família. Logo depois, foi a vez de seu pai emigrar. Chamava-se Issa Jorge Kede, conforme registra a Imagem 6, e era natural da cidade de Rakhn, na Síria. Ele emigrou com vinte anos, chegando ao Brasil por volta de 1923.

Issa Jorge Kede tinha um tio que residia no Brasil, chamado Nicolau (KEDE, 2021). Syria Kede afirmou que o motivo de o pai sair da Síria em direção ao Brasil foi a “vida difícil. Eles já tinham lá muitas guerras [...] A Síria era um país muito atrasado, hoje em dia está bem melhor. Eles viam que o Brasil era um país novo, os amigos diziam aquela velha história ‘em [se] plantando [...], tudo dá’. Ele veio para cá” (KEDE, 2021). Depois de aportar no Rio de Janeiro e ali permanecer

14 Syria Kede (doravante KEDE, 2021), em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, Emanuela Ferreira Neves e Gabriel Ramanholi Monteiro Rodrigues, em 26 de junho de 2021.



Imagem 6: Issa Jorge Kede. Fonte: acervo Syria Kede.

por um pequeno intervalo de tempo, Issa Jorge Kede migrou para Carangola, em Minas Gerais, onde seu tio Nicolau residia. Seu tio “teve [...] três filhas [...]”. Aí, quando o papai veio para o Rio, ele foi para Carangola, é... essas primas que cuidavam e ajudavam” (KEDE, 2021).

Tempos depois, Issa Kede se assentou em Alegre, região onde tinha conhecidos, o que facilitou sua inserção na localidade (KEDE, 2021). Ainda quando residia em Carangola, Minas Gerais, aprendeu a consertar relógios e, de acordo com Syria, como em Alegre não havia joalheria, seu pai “começou a consertar relógios, botou uma banca e depois fez a loja. Era muito bonita a loja dele” (KEDE, 2021). Embora Syria não saiba a profissão que seu pai exercia na Síria, sabe que o ofício de relojoeiro e joalheiro aprendeu em Carangola, tendo aberto sua loja, quando assentou-se em Alegre, com o nome de Relojoaria Omega. De acordo com Syria,

[...] ele começou a consertar relógios, que ele tinha aprendido em Carangola, trabalhando lá com alguém e, aí, começou o ofício de consertar relógio, joias, e [...] montou, primeiro, essa banca. Depois é que ele fez a loja de joias, mesmo, e aí depois virou loja de joias e presentes. Ele tinha presentes finos também, assim, para casamento. Na época, eu acho que era a única loja que tinha, assim, as coisas mais finas. Papai vinha de dois em dois meses no Rio, fazia compras e voltava. Naquela época tinha, às vezes, algum viajante que ia no Rio... e ia em Alegre. Viajante era só de joias. Me lembro até hoje, eles iam, chegavam lá, na maioria das vezes... chamavam mascates, não é? Na maioria das vezes estrangeiros, que faziam isso. E aí eles vendiam joias, e eles já tinha mais ou menos as preferências. Então, foi assim que ele começou. [...] primeiro com a loja de consertos e depois que abriu a loja de presentes. Ele fazia questão de só vender ouro 18... É o ouro certo de joia, não é? Era a joalheria mais bonita que tinha... em Alegre, aliás só tinham duas: uma mais simples, mas a do papai [...] só vendia ouro dezoito quilates (KEDE, 2021).

Segundo assegurou Syria Kede, foi seu pai quem financiou sua viagem para o Brasil, ajudado por tios e primos. Ele era cristão ortodoxo, veio solteiro para o Brasil e, tempos depois, casou-se com Diva Louzada Kede, descendente de espanhóis que residia na região do Caparaó (KEDE, 2021). Sua mãe era irmã de Abigail Louzada Aride, mãe de Zahir Aride, cuja trajetória familiar consta neste artigo. Deste consórcio, nasceram três filhos: Munira, Jorge e Syria. Por ser cristão ortodoxo, Issa Kede fez questão de batizar as filhas na Igreja Ortodoxa São Nicolau, no Rio de Janeiro.

[...] com três anos de idade, meu pai nos trouxe, [...] os três irmãos: Munira, Jorge e eu. É... Munira mais velha, um ano depois é o Jorge e, um ano depois, nasci eu. Aí, nós três viemos, eu tinha três anos, é... o Jorge, quatro, e a Munira, cinco. Viemos ser batizados aqui, os padrinhos eram todos daqui. Fomos batizados na Igreja Ortodoxa, na Gomes Freire [...]. Na igreja é... na religião do meu pai. [...] eu já fui lá umas duas vezes mais ou me-

nos. Minha irmã mais nova, que mora em Vitória, ela se casou lá, nesta igreja. É... foi a única que se casou lá, quis privilegiar o papai (KEDE, 2021).

É importante destacar o papel que os padres ortodoxos residentes no Rio de Janeiro e, posteriormente, a Igreja Ortodoxa São Nicolau tiveram na vida dos cristãos ortodoxos do sul capixaba. Como não havia templos ortodoxos no Espírito Santo, os padres vinham do Rio de Janeiro, de tempo em tempo, para celebrar casamentos, batizados etc. (SANTOS, 2019). Era outra forma de sírios e libaneses manterem viva a sua religião e a de seus antepassados, assim como transmiti-la aos membros das novas gerações. No entanto, muitos desses cristãos ortodoxos acabaram por se converter a outras religiões, em virtude das pressões sociais e da necessidade de inserção social (PINTO, 2010; SANTOS, 2019), conforme expõe Syria Kede.

É... Mas o papai não nos criou na igreja ortodoxa, nós fomos criados frequentando a igreja [...] da mamãe, que era a presbiteriana ou metodista, já não me lembro bem. Era metodista eu acho. Depois ela trocou para presbiteriana, uma coisa assim [...] Mas eu fui até os dezoito anos enquanto eu morava em Alegre, depois, daqui, comecei a ir para a igreja católica. Não frequentar, mas batizei, casei e batizei meus filhos na igreja católica e eles sempre estudaram em colégios católicos [...], porque, aqui, no Rio, são os melhores colégios (KEDE, 2021).

Issa Jorge Kede vivenciou um momento bastante delicado em sua Relojoaria, por causa de um incêndio: “Então, pegou fogo na loja dele, inclusive. Ele perdeu tudo. Perdeu praticamente tudo. O que salvou ele foi a maçonaria, ele era maçom, eles o ajudaram a [...] se restabelecer e, a partir daí, as coisas foram bem melhores. Ele sofreu um revés” (KEDE, 2021). Portanto, não bastassem as dificuldades enfrentadas no início do assentamento, Issa Kede teve de recomeçar em virtude de uma fatalidade, mas, conforme sua filha, o pai foi ajudado pela maçonaria e se reergueu. Santos (2019) verificou

que, no sul capixaba, muitos sírios e libaneses aderiram à maçonaria, o que demonstra também que a ascensão socioeconômica que vivenciaram permitiu-lhes a entrada em locais de poder proscritos a indivíduos de classes subalternas. De acordo com Syria, seu pai mantinha contato com sírios e libaneses de outras localidades do sul capixaba, particularmente de Cachoeiro de Itapemirim. Afiançou ainda que eles não criaram nenhum clube ou associação em Alegre, mas mencionou a participação deles na maçonaria (KEDE, 2021). Syria Kede também confirmou que não havia conflito entre sírios e libaneses e indivíduos de outros grupos étnicos:

eram muito pacíficos, todos eles, queriam trabalhar, mas... e todo mundo gostava muito deles. E o comércio era todo... praticamente de árabe [...]. Alegre recebeu sempre muito bem os.... os estrangeiros, entendeu? Os árabes, que era mais árabes naquela época. [...] Na época, a colônia era grande (KEDE, 2021).

Para Kede (2021), seu pai não ensinou a língua árabe aos filhos, mas ela teve interesse em aprender: “outro dia eu até encontrei meu caderno aí, que eu fazia, escrevia umas coisas, sabia fazer meu nome, sabia escrever alguma coisa, mas aí depois cresci, depois de quinze, dezesseis anos, aí sabe como é adolescente. Aí, vim para o Rio e perdi [...] tudo” (KEDE, 2021). Syria mencionou que os sírios e libaneses de Alegre falavam árabe entre si, já que boa parte dos comerciantes tinha essa origem oriental (KEDE, 2021). Quanto à culinária árabe, esta foi transmitida por Issa Jorge Kede à esposa, que ensinou aos filhos. Sobre isso, Syria narra que

A minha irmã mais velha e meu irmão sabem cozinhar muito bem [...] a cozinha árabe. Eu sei, mas eu não gosto de cozinhar. Não pratico. Quem ensinou? Para os filhos, foi minha mãe, que a minha mãe aprendeu com as árabes, que tinham em Alegre. [...] Depois, alguns anos depois, eu devia ter uns dez anos talvez, oito, dez anos, meu pai trouxe um irmão dele, da Síria. Meu tio Salim. [...] a mulher dele também era

árabe, tia Arâmisa. Ficaram em Alegre. Papai arranhou uma casa, ficaram em Alegre muito tempo. Ela ensinou tudo, ela ensinou mamãe até a fazer pão. Eles ficaram muitos anos lá e depois foram para São Paulo. Todos os pratos, quibe, tabule, [...] babaganoush, [...]. Tudo, tudo, tudo! Mamãe sabia fazer de tudo. Até doce árabe minha mãe fazia, que eu já não me lembro mais. Quando tem alguma coisa, alguma reunião, alguma coisa... todo mundo faz. Minha irmã mais velha é expert, cozinha divinamente a comida árabe; meu irmão, também [...] Eu e minha irmã mais nova, que somos um pouco... relapsas (risos). [...] sempre, sempre, eu por exemplo, que gosto muito de salada [...] faço muito tabule, aqui em casa. Para mim já é um prato. Adoro! Lentilha também eu faço muito (KEDE, 2021).

Por fim, Syria narrou que a tradição deixada por seu pai foi rezar em árabe à noite, embora ela não se lembre mais como se fala. Disse que seus irmãos ingressaram nas profissões liberais, mas nenhum deles optou pela carreira política, o que, para ela, foi algo positivo. Issa Jorge Kede permaneceu em Alegre até 1965, quando, por saudade dos filhos, que já há muito tempo residiam no Rio de Janeiro, resolveu fixar residência naquela cidade, juntando-se a eles (KEDE, 2021).

Trajetórias, memórias e identidades

Uma análise dos elementos constitutivos da trajetória das famílias Aride, Cade e Kede permitiu observar as (des)semelhanças entre elas. Das semelhanças, destaca-se o fato de que foi uma emigração de homens jovens, solteiros, que financiaram sua viagem, que se dedicaram à atividade comercial, primeiro como mascate e, após, abrindo seu estabelecimento comercial. Outra semelhança diz respeito à opção pela exogamia, inclusive pelo casamento com mulheres de descendência espanhola. Do mesmo modo, não transmitiram a língua árabe aos filhos, ao contrário da culinária étnica,

que foi ensinada aos descendentes (SILVA, 2021; CADE, 2021, KEDE, 2021).

Quanto às dessemelhanças, pode-se mencionar as razões da emigração, já que José Amado Aride veio para o Brasil por causa das notícias de existência de ouro na região do Caparaó; Issa Jorge Kede emigrou por causa das dificuldades econômicas vividas na Síria e das guerras; Salomão David Cade, por causa da saudade da família e porque alguns familiares haviam prosperado economicamente, em Ibitirama. Outra diferença diz respeito ao tipo de comércio: José Amado e Salomão Cade se estabeleceram com armazém de secos e molhados, já Issa Kede abriu uma relojoaria (SILVA, 2021; CADE, 2021, KEDE, 2021).

Se, por um lado a imigração síria e libanesa para o Espírito Santo contou com uma maioria de origem libanesa (CAMPOS, 1987), por outro, deve-se mencionar a imigração de sírios. Em Alegre, foi o caso de Issa Jorge Kede, mas há outros em diversas localidades do sul capixaba (SANTOS, 2019). Destaca-se também o fato de que, dos três indivíduos com trajetórias analisadas, dois eram drusos e somente Salomão Cade mudou de religião. Segundo Truzzi (1997), se, entre os sírios e libaneses que emigraram para o Brasil até a Primeira Grande Guerra, a maioria era cristã, a partir de 1920 houve um crescimento do número de muçulmanos.

Vale, pois, ressaltar a relevância da História Oral, ao dar voz aos excluídos, do mesmo modo que fez emergir memórias subterrâneas (POLLAK, 1989). A reconstituição dos itinerários de sujeitos migrantes possibilitou também a reconstituição de uma memória coletiva, assim como de suas identidades. Para Pollak (1992, p. 204), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. Conforme destacou Hall (2000), como as identidades são múltiplas, plurais, (re)construídas na relação com o outro, o que se verificou em relação aos sírios e libaneses em Alegre foi que, no processo de reconstrução identitária, precisaram negociar e renunciar a tradições culturais para absorverem outras. Os exemplos foram a mudança de nome, o aprendizado da língua portuguesa e o não ensino da língua árabe aos filhos. Conforme

Santos (2019, p. 183), sírios e libaneses negociaram suas identidades “numa clara tentativa de aceitação e inserção social por meio da absorção de alguns valores culturais do Brasil”. Para Hall (2000), as identidades são híbridas, e isso se verificou em relação à formação das famílias que sírios e libaneses construíram ao se casarem com descendentes espanhóis. Esta hibridização foi vista em diversos aspectos, como na culinária e na religião. Ainda quanto à memória, é importante frisar que, além de ser uma construção, ela é seletiva (POLLACK, 1992).

Foi consenso entre as três entrevistadas a ausência de conflitos entre sírios e libaneses e indivíduos de outras etnias, por razões que variaram do fato de que cada sírio e libanês se dedicou a um tipo de comércio à maneira como foram bem recebidos pela sociedade alegreense. Para Santos (2019, p. 325),

Entre as razões para que essa memória fosse construída, pode ter sido o silêncio dos indivíduos da primeira leva migratória, para poupar seus descendentes dos dissabores que essa informação poderia causar. Calar-se a respeito disso talvez quisesse mostrar que lhes interessava mais olhar para frente do que para trás, isto é, para o futuro com as possibilidades oferecidas pela nova terra.

Jamile Cade aprofundou que, em Ibitirama, um incêndio numa casa que seu pai havia construído precipitou a mudança de residência para Alegre. Do mesmo modo, mencionou uma tocaia armada contra sírios e libaneses também em Ibitirama, além do fato de que esses imigrantes serem chamados de “turcos”, o que consideravam uma ofensa. Portanto, foram alvo de preconceitos e estigmas, uma vez que, diferente dos estabelecidos, eram outsiders (ELIAS, SCOTSON, 2000). No entanto, esses imigrantes foram aos poucos ocupando espaços antes controlados por comerciantes de outras etnias, o que redundou em alguns conflitos, como relatado (CADE, 2021).

Enlaces matrimoniais

Para o levantamento dos dados a seguir, a fonte histórica utilizada foram os livros de registros civil, entre os anos 1890 e 1930, recorte temporal da pesquisa. Dos registros, observou-se, entre os nubentes, variedade de imigrantes europeus, oriundos de Portugal, Espanha, San Marino, Itália, Áustria, Polônia, Suíça, bem como asiáticos, com destaque para sírios e libaneses. Verificou-se ainda a presença de pessoas de diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte, com a predominância dos dois primeiros. Daí, infere-se que, na tessitura da sociedade e da identidade alegreense, um traço marcante é a diversidade, tal qual se observa em nível estadual e federal (DADALTO, 2007). Vale ressaltar que os enlaces não envolviam apenas a endogamia, mas também o casamento interétnico: italianos se casando com austríacos; austríacos se casando com poloneses ou com portugueses; imigrantes diversos contraindo núpcias com nacionais. Esses enlaces interétnicos são um indicativo de outro traço social e identitário marcante de Alegre e do Espírito Santo: a formação de sujeitos culturalmente híbridos (BURKE, 2003).

No caso dos sírios e libaneses, identificou-se 12 casamentos, cuja análise envolveu sete variantes em relação aos cônjuges: profissão, estado civil, ano do casamento, naturalidade e nacionalidade, local de residência e tipo de enlace (endogâmico ou exogâmico). O objetivo foi apresentar um panorama geral desses indivíduos, bem como pensar os relacionamentos, a mobilidade e as redes que construíram. Dos 12 casamentos, a maioria (8) ocorreu dentro do mesmo grupo étnico, mas sem o movimento de ir ao Líbano ou à Síria buscar a esposa e retornar, porque todas residiam no Brasil. Quatro enlaces se deram fora da colônia, o que mostrou um movimento já observado por Santos (2019), da busca de inserção social mais rápida por meio da hibridização. Portanto, sírios e libaneses, em virtude dos preconceitos e do estigma a que estavam submetidos, buscaram uma aceitação que passava pelo casamento com pessoas de fora da

colônia. Por outro lado, indivíduos de fora da colônia buscavam, nos imigrantes, participar da ascensão socioeconômica que experimentavam (SANTOS, 2019). Dos quatro casamentos fora da colônia, três envolveram indivíduos nascidos no Oriente Médio, e apenas um era descendente nascido no Brasil.

Em relação à profissão, as mulheres eram domésticas ou do lar, refletindo as relações de gênero vigentes, ou seja, às mulheres estavam reservados os espaços da casa, do lar (SAFFIOTI, 1987). Quanto aos homens, oito eram negociantes e comerciantes. Outros quatro homens não tiveram as profissões indicadas nos registros, mas sabe-se por outra fonte que, pelo menos um deles, também era comerciante. Isso demonstra o perfil profissional dos sírios e libaneses assentados no Brasil e no Espírito Santo, que é o de atividades comerciais (TRUZZI, 1997).

Quanto ao estado civil, há uma predominância de solteiros. Nos anos de 1914, 1925 e 1928, ocorreram dois casamentos por ano. Já nos anos de 1898, 1904, 1905, 1916, 1924 e 1930 ocorreu somente um casamento por ano. Quanto ao local de residência dos noivos, apenas um era de fora da região de Alegre, residindo em Patrocínio de Muriaé, Minas Gerais. Portanto, os outros 11 noivos eram residentes em Alegre. Trata-se, pois, de um aspecto interessante, já que havia uma grande mobilidade espacial desses imigrantes e o contato com sírios e libaneses de outras localidades, o que era facilitado pela atividade profissional que exerciam. Santos (2019) ainda observou que, em Mimoso e em Itapemirim, por exemplo, no mesmo período, a situação foi diferente, porque houve vários casamentos envolvendo sírios e libaneses de outras cidades capixabas, bem como de outros Estados, também, com mulheres residentes em Mimoso e Itapemirim.

Importante frisar que o casamento era, também, um negócio acordado pelas famílias (HAJJAR, 1985), as quais recebiam vendedores de origem síria e libanesa de outras localidades, bem como patrícios de diversas cidades, que compunham redes de solidariedade. Nesses contatos, os enlaces eram combinados, arranjados, mas, em Alegre, o que se verificou foi

que esses casamentos envolveram sujeitos locais, o que não significa que os casamentos não fossem combinados entre os membros mais velhos das famílias. Em relação à naturalidade dos nubentes, os dados apontam para alguma diversidade de locais de origem, mas trata dos locais de forma genérica.

Pode ser uma característica da própria produção do registro civil da época, mas, por exemplo, só no caso de duas mulheres especifica-se a cidade de onde elas são naturais: Alegre e Beirute. Nos outros, indica-se a região ou país, por exemplo, Grande Líbano ou Síria, ou estados brasileiros, como Espírito Santo e Minas Gerais. Se fosse indicada a cidade de origem, seria facilitada a compreensão sobre a mobilidade espacial empreendida por esses indivíduos e suas famílias. As Tabelas 1 e 2¹⁵ apresentam a nacionalidade dos noivos, respectivamente, homens e mulheres.

Nacionalidade – Homens	Percentual
Brasileiro	2
Líbano (Turquia)	2
Líbano	2
Síria	4
Síria (Turquia)	2

Tabela 1: nacionalidade das mulheres. Fonte: organização dos autores.

Sobre os dados da Tabela 1, duas conclusões se destacam: a primeira é que, provavelmente, nenhum noivo era turco – o que se explica pelo fato de, se a região de origem estava sob controle do Império Turco Otomano, os imigrantes entrariam no Brasil com passaporte turco (TRUZZI, 1997). A segunda é que, possivelmente, os noivos são libaneses, já que Líbano e Síria faziam parte de uma mesma região chamada Grande Síria até a Primeira Grande Guerra (TRUZZI, 1997), mas, nos documentos brasileiros, entre os quais os cartoriais, havia uma imprecisão no uso dos termos “turco”, “sírio” e “libanês”. De acordo com Cam-

15 Registros de Casamento. Cartório do 1º Ofício de Registro Civil e Tabelionato de Alegre, livros n. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, 1890-1930. Alegre, ES.

pos (1987), ao longo das quatro primeiras décadas do século XX é que essa diferença vai se definir nos documentos oficiais. Isso é indicativo daquilo que Hall (2000) já havia afirmado, de que as identidades são plurais, não são um dado a priori; construídas na relação com o outro, com o diferente e, além disso, são múltiplas.

Já sobre a nacionalidade das mulheres, conforme Tabela 2, observa-se a predominância de brasileiras (50%), e as outras são naturais do Oriente Médio.

Outra característica também observada por Santos (2019) em outras localidades do sul capixaba foi o enlace matrimonial de brasileiras com sírios e libane-

Nacionalidade – Mulheres	Percentual
Brasileira	6
Líbano (Turquia)	2
Líbano	2
Síria	1
Síria (Brasileira naturalizada)	1

Tabela 2: nacionalidade das mulheres. Fonte: organização dos autores

ses ou descendentes. Nessa perspectiva, a exogamia foi uma estratégia utilizada por esses imigrantes e seus descendentes, para que tivessem uma inserção social mais célere e, por conseguinte, uma maior aceitação (SANTOS, 2019).

Considerações Finais

Sírios e libaneses e seus descendentes foram fundamentais para a tessitura da sociedade capixaba e alagrense, cuja característica é a diversidade (DADALTO, 2007). No entanto, ao se assentarem naquela localidade, esses imigrantes tiveram de reconstruir suas vidas e o fizeram enfrentando inúmeras dificuldades, conforme os relatos orais mostraram. Entre os obstáculos superados, Jamile Cade mencionou incêndio criminoso e emboscada, mas certamente houve outras violências, afora o estigma, o preconceito, a saudade da terra natal e dos familiares que não emigraram.

A História Oral permitiu reconstruir parte da trajetória de três famílias de sírios e libaneses assentadas em Alegre, lançando luz sobre as razões pelas quais emigraram, o estado civil dos que emigraram, aonde chegaram antes de se estabelecerem em Alegre, os tipos de estabelecimentos comerciais aos quais se dedicaram, entre outras memórias. Assim, ao dar voz às descendentes, a História Oral permitiu conhecer aspectos dessa imigração, que por outra via não seria possível. Entre esses achados, o fato de José Amado Aride e Salomão Cade serem drusos, isto é, muçulmanos, um dos quais permaneceu em sua religião até o fim da vida. E ainda, o fato dos três, José Amado Aride, Issa Kede e Salomão Cade, terem se casado com descendentes de espanhóis (SILVA, 2021; CADE, 2021, KEDE, 2021).

No processo de construção de suas identidades e para facilitar sua integração social, sírios e libaneses, em Alegre, renunciaram a alguns traços culturais – a língua árabe –, e preservaram outros – a culinária. Os casamentos ocorreram dentro ou fora do grupo étnico – alguns optaram pela endogamia, outros, por se casarem fora do grupo étnico, fosse com mulheres nacionais ou estrangeiras. Isso possibilitou aquilo que Burke (2003) denominou hibridismo cultural, caracterizado por uma mistura étnica. Do mesmo modo, mostrou que as identidades também são múltiplas e podem ser negociadas e (re)construídas (HALL, 2000).

Referências - Fontes orais

CADE, Jamile. Entrevista concedida a Adilson Silva Santos, em Alegre, 27 de maio 2021.

KEDE, Syria. Entrevista concedida a Adilson Silva Santos, Emanuela Ferreira Neves e Gabriel Ramanholi Monteiro Rodrigues, 26 de jun. 2021.

SILVA, Zahir Aride Rodrigues da. Entrevista concedida a Adilson Silva Santos, Emanuela Ferreira Neves e Gabriel Ramanholi Monteiro Rodrigues, 09 de jun. 2021.

Registros de casamento

Registros de Casamento. Cartório do 1º Ofício de Registro Civil e Tabelionato de Alegre, livros n. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, 1890-1930 Alegre, ES.

Obras de apoio

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Estudos sobre a estrutura agrária e cafeicultura no Espírito Santo**. Vitória: SPDC/Ufes, 1993.

BRAVO, Carlos Magno Rodrigues. **Nossas raízes**. O Alegre até o ano de 1920: fatos e biografias. Alegre, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus).

CAMPOS, Mintaha Alcuri. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico**: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

DADALTO, Maria Cristina. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. **SINAIS** – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, nº. 01, v. 1, Abril, 2007, p. 57-74.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os “outsiders”**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRAZ, Manoel P. **Alegre: a terra e o povo**. Resenha histórica do município de Alegre. Alegre: Jornal Mensagem Editora, 1986.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

MARINS, Antônio. **Minha terra e meu município**. Rio de Janeiro, 1920.

PEREIRA, Ana Aparecida Barbosa. **Patrimônio rural do Espírito Santo: estudos para sua preservação**. 2012, 436 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro**: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987 (Coleção Polêmica).

SALETO, Nara. **Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1889-1930)**. Vitória: EDUFES, 1996.

SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. 2019, 388f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

